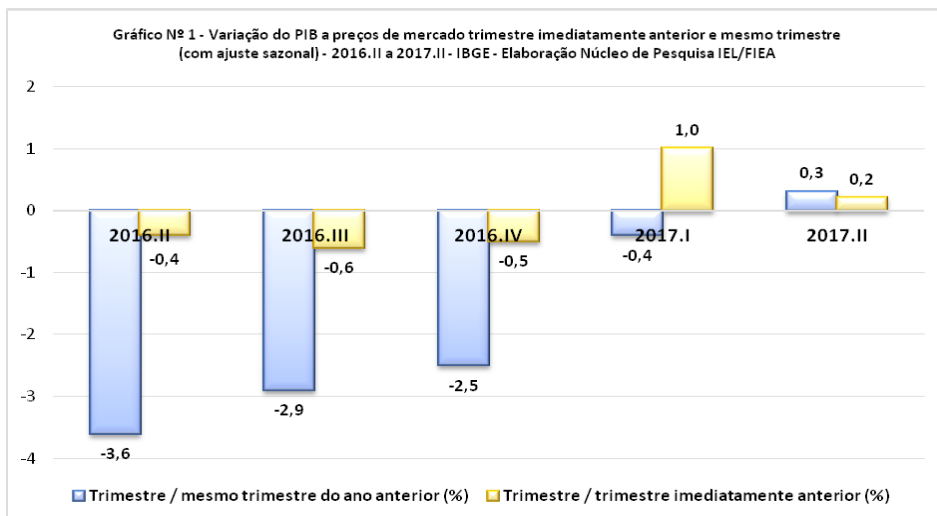




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

O PIB do Brasil no 2º Trimestre de 2017

A variação do PIB no segundo trimestre deste ano quando comparada ao primeiro trimestre foi de 0,2%, o que tecnicamente sinaliza que o país saiu da recessão. Outro aspecto importante é que na comparação com igual período no ano passado, como pode ser observado no gráfico nº 1, houve crescimento de 0,3% interrompido uma série de trimestres negativos. O consumo das famílias e as exportações foram os responsáveis pelo desempenho positivo do PIB no segundo trimestre. Fatores como liberação do FGTS, continuidade da trajetória descendente da taxa de inflação, redução da taxa de desemprego, mesmo que com o aumento do emprego informal, e expansão da oferta de crédito à pessoa física contribuíram para o aumento dos gastos das famílias, que respondem por aproximadamente 65% do PIB. As exportações vem sendo beneficiadas pelo maior dinamismo da economia internacional e recuperação dos preços das commodities. Mesmo com a lenta recuperação do consumo das famílias, alguns fatores ainda põem em risco a sustentabilidade da recuperação cíclica. O primeiro e mais importante do lado da demanda é o investimento, que continua apresentando elevadas taxas de retração e acumula queda de -29,0% em relação ao segundo trimestre de 2014. Desempenho insatisfatório da construção civil; elevada capacidade ociosa na indústria; racionamento de crédito às empresas, principalmente as micro, pequenas e médias; e cortes nos investimentos públicos em infraestrutura, dentro da política de ajuste estrutural das contas públicas, são fatores que vem postergando a retomada



dos investimentos empresariais no setor real da economia. O segundo fator de risco diz respeito as exportações, ou seja, a crônica tendência a apreciação cambial, cuja taxa tem gravitado em R\$ 3,11, pode reeditar os déficits comerciais e acentuar o desequilíbrio na balança comercial da indústria, no caso de continuidade gradual de recuperação da economia, o que enfraqueceria a sua retomada. Do ponto de vista da produção, o setor agropecuário, em função da excelente safra de grãos, manteve o bom desempenho no segundo trimestre de 2017 em relação a igual período do ano anterior. A indústria, por sua vez, mesmo apresentando taxas positivas nos últimos quatro meses (+1,2%, +1,2%, +0,2% e +0,8%), continua registrando taxas negativas na comparação trimestre contra mesmo trimestre de 2016, com

queda de -2,1%, e ainda está muito longe de compensar as perdas totais de quase 20% acumuladas nos anos de crise de 2014 a 2016. Todavia, como destaca o IEDI, “a alta da produção industrial em julho é promissora porque atinge três dimensões: seu patamar foi considerável, está inserida em uma sequência de resultados positivos e assumiu uma abrangência setorial significativa”. Em relação ao segundo trimestre de 2016, o setor de serviços, que responde por quase 70% do PIB, apresentou discreta retração de -0,3% e foi beneficiado pelos resultados positivos do setor de comércio. Em síntese, tudo indica que a recessão ficou para trás mas que a recuperação ainda continua muito dependente da sustentabilidade do consumo das famílias a partir da retomada dos investimentos.

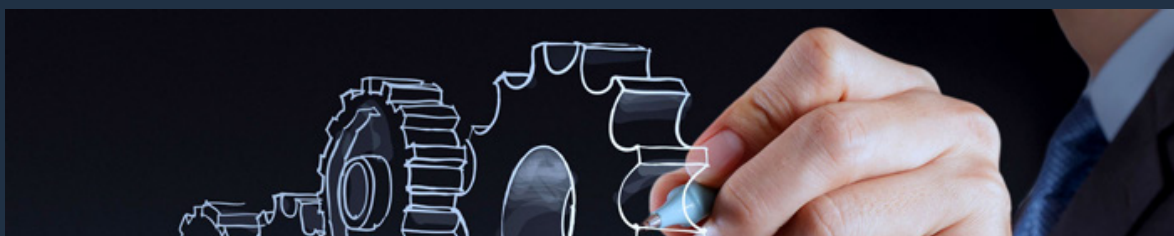
IPCA acumulado fica abaixo de 2,50%aa

A expressiva redução da taxa de inflação medida pelo IPCA nos últimos doze meses, de 8,97% para 2,46%, tem surpreendido o mercado financeiro e levado o Banco Central do Brasil a sinalizar com selic a 7,0%aa no final de 2017 e em 2018. Os mercados estariam precificando um risco menor de inflação em função dos efeitos positivos da supersafra agrícola nos preços dos alimentos; retomada gradual da economia; taxas de câmbio apreciadas e expectativas de inflação bem ancoradas. De acordo com os últimos boletins FOCUS do BCB, as expectativas de inflação para 2017, 2018 e 2019 continuam abaixo do centro da meta de 4,5%, com 3,08%, 4,12% e 4,25%, respectivamente. Isto indica que haveria espaço para a redução

da selic abaixo do patamar de 7,0%aa. Segundo o departamento econômico do Bradesco, “para a próxima reunião, o Banco Central deve promover uma redução de 0,75 p.p. na taxa básica, mas a ata indica que o final do ciclo se dará de forma gradual, o que permite ao BC testar, aos poucos, o nível de juros terminal que pretende praticar. Com essa estratégia gradual, se a inflação projetada seguir em queda, é possível que o Banco Central reduza a Selic abaixo do nível terminal que hoje estimamos, em 7,0%”. O Brasil, mesmo com mais um corte na selic de 100pb na última reunião do COPOM no mês de setembro, passando de 9,25%aa para 8,25%aa, mantém o terceiro lugar no ranking de taxas de juros

reais internacionais com a taxa de 3,29%, só perdendo para a Rússia e Turquia com 4,32% e 4,02%, respectivamente. É importante observar mais uma vez que em relação aos demais países que compõe os BRICs, como China, Índia e África do Sul, a taxa brasileira ainda se encontra acima das destes países que estão em 1,87%aa, 1,19%aa e 0,72%aa. A explicação dada pelo BCB para a manutenção de taxas de juros reais elevadas, segundo analistas do mercado financeiro a taxa básica de juros real deve ficar em torno de 4,0%aa, estaria nos níveis baixos de poupança da economia e em um possível aumento do risco no Brasil uma vez que a continuidade das reformas, principalmente a da previdência, estaria em xeque.

A Produção Industrial Brasileira em julho de 2017



O desempenho da indústria brasileira em julho de 2017 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, crescimento na margem de 0,8%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 2,5%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “a despeito da indústria iniciar bem o segundo semestre deste ano, seu dinamismo ainda pode ser considerado baixo, como evidencia o crescimento acumulado nos primeiros sete meses do ano, de apenas 0,8%. Ou seja, o setor está muito longe de compensar as perdas totais de quase 20% acumuladas nos anos de crise de 2014 a 2016. Todavia, a sequência de resultados positivos obtidos pela indústria

como um todo, nos últimos meses, é bastante promissora. Na série com ajuste sazonal, já são quatro meses de altas sucessivas: +1,2%, +1,2%, +0,2% e +0,8% desde abril até julho. Na comparação interanual, por sua vez, são três meses de crescimento continuado: +4,1%, +0,6% e +2,5% entre maio e julho. A expansão parece estar se consolidando, embora fosse melhor se essas trajetórias apresentassem uma nítida aceleração. O quadro favorável para este início de semestre conta ainda com um avanço dos indicadores de confiança dos empresários, inclusive de seu componente que avalia a situação atual dos negócios. A contar pelo comportamento desses indicadores em agosto, o desempenho industrial de julho tem chances

de se repetir.” Ainda, segundo o IEDI, “nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,7% em julho de 2017, ficando praticamente estável desde o início do ano. Em relação a junho do corrente ano, houve alta de 0,5 ponto percentual, com ajuste sazonal. O atual nível de utilização continua inferior à média histórica do próprio indicador (80%). O indicador da CNI, a seu turno, também continua registrando um nível historicamente baixo da utilização da capacidade em julho de 2017: 77,4%, contra 81,3% na média desde jan/03. Na passagem de junho (77,1%) para julho houve um pequeno aumento de 0,3 ponto percentual, já descontados os efeitos sazonais.”

Variações da Produção - Julho - 2017 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,8	2,5	0,8	-1,1
Bens de capital	1,9	8,7	3,7	2,8
Bens intermediários	0,9	0,6	0,0	-1,7
Bens de consumo	0,6	4,9	1,4	-1,0
Bens de consumo duráveis	2,7	8,1	9,8	3,8
Semiduráveis e não Duráveis	2,0	4,2	-0,5	-2,1
Extrativa Mineral	-1,5	1,2	5,2	0,9
Transformação	0,5	2,7	0,2	-1,4

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Jéssica Maria Silva Cabral

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luana Roberta Pereira Silva

Luan Victor Ramalho de Oliveira